

O caminho dos negócios também me cabe: Voz de uma mulher negra empreendedora.

Palavras chaves: Jogo; Negócios; Empreendedorismo.

Uma jovem com muita criatividade e desejo de fazer acontecer suas ideias, não foi o suficiente para ser aceita no mercado de trabalho. Criada em uma família tradicional, cristã, a qual valorizava a vida a partir do trabalho, pois não era bem visto quem não trabalhasse. Logo, todo o esforço, desde os estudos no ensino regular, até a faculdade tinha um único objetivo: trabalho. Ganhar dinheiro e viver bem, sem muitos sacrifícios, escassez de alimento e condições básicas de moradia foram e continuam sendo o norte base da vida. Por isso, o concurso público ou atuar em uma empresa que registrasse sua carteira, este era o ideal, e ainda é na perspectiva de algumas pessoas. O que fugia desta ideia, era risco, como empreender.

Terminei a faculdade de psicologia em 2022, final da pandemia do COVID-19. Desempregada e morando com meus pais. Meus primeiros meios de trabalho foram pacientes que minha supervisora de estágio me indicava e assim, fui criando de forma autônoma nos próximos 5 anos uma cartela de pacientes e lidando com a instabilidade que é viver como psicoterapeuta. Somente em março de 2026, quando busquei mentoria de carreira para me tornar palestrante em empresas e instituições, que tomei consciência de que eu empreendo há 5 anos com os atendimentos clínicos.

Sebrae, *networking*, *MVP*, *pitch*, foram temas que aprendi tardiamente. Essa ausência de informação causou grandes danos na minha saúde mental, principalmente a ansiedade. Um sentimento de insuficiência, frustrações por não conseguir fechar negócios, solidão, me fez querer desistir da minha profissão que tanto gosto. Assim, fui concebendo que fazer negócio hoje é algo de difícil acesso, é como uma bolha de privilégios. Ter visibilidade para alguém que se acostumou com a invisibilidade, aprender a vender meu serviço, foi como jogar um jogo antes de saber jogar. Eu estava jogando, sem saber como funciona o jogo, por isso, eu perdia mais partidas do que ganhava, até porque eu não estava incluída no jogo.

O mesmo aconteceu com meus avós paternos ao migrarem para o sudeste, onde enfrentaram diversos desafios no mundo dos negócios. Meus avós paternos

negros, nascidos no interior de Pernambuco, caseiros de fazendas, passam a empreender quando migram para 3 regiões diferentes no Mato Grosso do Sul, plantando e vendendo nas feiras sua colheita. Mandioca, amendoim, algodão, rapadura, melaço de cana e cachaça. Assim, sustentaram 11 filhos morando em sítios, quando não, de caseiros na fazenda de alguém. Este cenário muda quando migram do rural para o urbano, no estado de São Paulo, onde não encontram mais possibilidade de plantar e vender, se adaptando aos trabalhos de pedreiros, lavadeiras e cuidadoras. Segundo minha tia, a falta de acesso a informações e conhecimento de como empreender no Sudeste, desmotivou meus avós a continuar com a atuação rural, e assim, se adaptaram ao ambiente urbano, onde passaram muitas dificuldades.

Como no contexto dos meus avós paternos, com pouco acesso, e com o mundo dos negócios desenvolvidos no sudeste, também senti isso, ao concluir a faculdade. Por onde começar? Como sei que estou no caminho? Não vejo outra explicação para isso tudo, se não o que Cida Bento chama de “Pacto da Branquitude”, no qual a sociedade se organiza para alguns acessarem privilégios em detrimento de outros. Estes privilégios são as bolhas que comentei ser difícil transpassar para fazer do seu negócio um empreendimento suceder e tornar-se sucesso.

Meu negócio passou a mudar quando busquei mentoria de carreira e fui selecionada para ser acompanhada pelo programa do Sebrae que fortalece o empreendedorismo negro pelo Ginda Ideias, Afrotechub. Com eles fui apropriando sobre como jogar no mundo dos negócios. Ali me senti encorajada a validar minhas ideias de serviço além do atendimento psicoterapêutico, mas como palestrante socioemocional, área de expansão da atuação clínica tradicional. Hoje percebo que sou uma jovem mulher negra de 31 anos empreendendo desde os 27 anos de idade. Mas, com outras perspectivas e ferramentas que me impulsionam a acreditar no meu negócio e fazer ele valer. O reflexo disso, percebo ao passar por instituições e grupos onde palestrei, é reconhecer a referência que sou para essas pessoas no Brasil e noutros cantos do mundo. Que se inspire a buscar o melhor de si, estar bem consigo mesma e acreditar em si nas potências próprias e de seu negócio, mesmo quando não for possível ainda transpassar a bolha do mundo dos negócios. Mas pela minha experiência, posso indicar bons caminhos de crescimento e validação.

Penso que esta tem sido a forma pela qual venho contribuindo para o afroempreendedorismo: ser eu mesma e proporcionar caminhos para que meus irmãos também possam chegar lá. Não disputando, entre si como assim esperam, mas sabendo que jogar o jogo, é possível. Uma frase que levo comigo para estes momentos é pensar que, sim, há cliente para todo vendedor e vendedor para todo cliente. Quando se tem bem estruturado seu negócio, alcançará o seu cliente ideal, sem medo de perder algumas partidas do jogo se for necessário.

Psicóloga Clínica e Palestrante Cintia Vieira (CRP 06/178692)

Referência:

BENTO, Cida. O Pacto da Branquitude. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.